

**(PARA NÃO ESQUECER QUE)  
A LUTA DE CLASSES É O MOTOR DA HISTÓRIA:  
NOTAS SOBRE PÊCHEUX E O MATERIALISMO HISTÓRICO**

*Samuel Barbosa Silva* (UFAL)

[samuca.bs@gmail.com](mailto:samuca.bs@gmail.com)

*Wellton Silva de Fátima* (UFF)

[malcon.welton1@gmail.com](mailto:malcon.welton1@gmail.com)

*Éderson Luís Silveira* (UFSC)

[ediliteratus@gmail.com](mailto:ediliteratus@gmail.com)

**RESUMO**

No âmbito dos estudos da linguagem, desde a década de 1960 na França e desde os anos 80 no Brasil, reforçou-se a necessidade de pensar discursivamente considerando, então, a exterioridade, as relações entre textos e discursos e os efeitos da materialização do discurso em inúmeras e férteis mobilizações teórico-analíticas. Assim, o presente trabalho visa trazer elucubrações enunciativas acerca da importância do materialismo histórico para o aporte da análise do discurso de Michel Pêcheux. Percorrendo alguns dos pressupostos basilares da teoria pecheutiana visa-se refletir acerca dos efeitos dos pressupostos materialistas no norteamento das discussões empreendidas. Conclui-se que considerar o materialismo histórico subjaz a um empreendimento que implica na mobilização do conhecimento teórico sem com isso negar o viés político considerando a existência da luta de classes como motor da história e também de tensões antagônicas cujo viés se articula à necessidade da tomada – política – de posição.

**Palavras-chave:** Discurso. Materialismo histórico. Estudos da linguagem.

**ABSTRACT**

Within the framework of the studies of language since the 1960 in France and since the 80's in Brazil has strengthened the necessity of thinking discursively considering, then, the exteriority, relations between texts and speeches and the effects of the materialization of the speech in numerous and fertile theoretical analytical mobilizations. Thus, the present paper aims to bring enunciatives musing about the importance of historical materialism to the intake of discourse analysis of Michel Pêcheux. Covering some of the basic assumptions of the theory pecheutiana to reflect about the effects of materialistic assumptions in providing guidance for the discussions undertaken. It is concluded that consider the historical materialism behind to an enterprise that implies the mobilization of theoretical knowledge without denying the political bias considering the existence of class struggle as the engine of history and also of antagonistic strains whose bias articulates the need for socket – political – position.

**Keywords:** Discourse. Historical materialism. Language studies.

A análise de discurso surge como campo de estudo ou uma área do conhecimento que tem por objeto de estudo o discurso. Muitos estudiosos se debruçaram sobre os estudos discursivos, mas foi na França no período de grandes mobilizações sociais<sup>35</sup>, na década de 1960 - principalmente com as contribuições de Michel Foucault e Michel Pêcheux - que predominou uma preciosa contribuição teórico-analítica para este campo de estudo.

Todavia, o pontapé inicial e que há uma maior visibilidade em torno da análise do discurso e nasce como um projeto político de transformação social é atribuído ao filósofo Michel Pêcheux. E é a partir desse lugar da análise do discurso que trataremos nossa discussão a seguir, fundada por Michel Pêcheux, que “tem atravessado fronteiras, deslocado territórios, estabelecendo diferentes interlocuções teóricas num movimento constante de expansão e de transterritorialização” (CAVALCANTE, 2012, p. 289), além disso, vale ressaltar que a análise de discurso “é o acontecimento teórico mais importante, depois do estruturalismo, na França” (ORLANDI, 2005, p. 7).

É relevante destacar que a análise do discurso postulada por Michel Pêcheux está para além de ser mais um campo de saber, mas é também um projeto de intervenção político-social. A análise de discurso está vinculada a três regiões específicas: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Sendo a análise do discurso um instrumento de luta política, a proposta de Michel Pêcheux (1988, p. 24) era “contribuir para o avanço dos estudos na perspectiva do materialismo histórico, do efeito das relações de classe sobre o que se pode chamar as ‘práticas linguísticas’”.

O discurso nesta perspectiva é “efeito de sentidos entre os interlocutores” (PÊCHEUX, 1988, p. 95), dessa forma, pensar a produção de sentidos das palavras, implica uma nova forma de ler, levando em consideração o mundo exterior que corrobora na construção destes sentidos,

---

<sup>35</sup> Nesta época teve início uma grande revolução comportamental como o surgimento do feminismo e os movimentos civis em favor dos negros e homossexuais. O Papa João XXIII abre o Concílio Vaticano II e revoluciona a Igreja Católica. Surgem movimentos de comportamento como os hippies, com seus protestos contrários à Guerra Fria e à Guerra do Vietnã e o racionalismo. Esse movimento foi também a chamado de *contracultura*. Ocorre também a Revolução Cubana na América Latina, levando Fidel Castro ao poder. Tem início também a descolonização da África e do Caribe, com a gradual independência das antigas colônias.

isto é, trazer os aspectos sócio-históricos se tornam fundamentais para esta discussão.

Michel Pêcheux parte das contribuições marxistas a partir de leituras feitas em Louis Althusser (cf. PÊCHEUX, 1988) propondo pensar o caráter material da língua articulada à história e à ideologia. Tomaremos uma das regiões que constitui a análise do discurso, o materialismo histórico, apresentando a sua importância para os estudos discursivos, uma vez que “Pêcheux visava superar a tendência formalista-logicista e a idealista, que orientavam os estudos da linguagem” (AMARAL; ZOPPI-FONTANA, 2015, p. 36-7) e a teoria social de Karl Marx por ter caráter revolucionário para o filósofo francês se torna indispensável, já que a análise do discurso é constituída como uma intervenção científica e política.

Partindo das contribuições de Louis Althusser (1979), este pauta-se em leituras marxistas, acerca da história e a ideologia, Michel Pêcheux em seu projeto político passa a apontar a necessidade de trabalhar “na relação contraditória entre a linguística (fundamentalmente a teoria da sintaxe e da enunciação), a teoria das ideologias e a teoria do discurso (determinação histórica dos processos de significação)” (ORLANDI, 2014, p. 30). Tal relação faz com que sejam as três atravessadas por uma teoria não subjetiva do sujeito, de natureza psicanalítica. Encontra assim no materialismo histórico respaldo para a produção de uma teoria discursiva que tenha um caráter revolucionário, mostrando que os sentidos atribuídos às palavras não estão ligados meramente por arranjos sintáticos e/ou semânticos, mas sua relação pode ser situada no âmbito do fazer histórico, das relações sociais, da sociedade.

Todavia, é importante ressaltar que “a ideia essencial do materialismo histórico é que a história é determinada, apenas em última instância, pela produção e a reprodução da vida real, e essa produção/reprodução não se restringe [apenas] ao fator econômico” (AMARAL; ZOPPI-FONTANA, 2015, p. 41). Dessa forma, aponta o seu objeto de estudo [o discurso] como aquele que é apreendido das determinações sociais, da história, das lutas de classes, das “relações que o sujeito estabelece no seu mover-se no mundo; pensa a enunciação no quadro de uma teoria não subjetiva do sujeito” (MAGALHÃES *et al.*, 2009, p. 24). Nesse contexto, não se pode deixar de lado a contribuição de Karl Marx para o materialismo histórico porque ele o faz a partir da afirmação de que os homens fazem a história, mas esta não lhes é transparente. A ideologia, então se

relaciona a um viés que percebe o imaginário como aquilo que articula o sujeito com suas condições de existência (cf. MARX, 2003). Foi da obra *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* de onde adveio tal inspiração quando Marx afirma que “[o]s homens fazem a sua própria história; mas não a fazem como querem; não a fazem sobre circunstâncias de sua escolha e sim com aquelas com as quais se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 2003, p. 7).

Em um trabalho desenvolvido com Catherine Fuchs, no ano de 1975, Michel Pêcheux compreende o materialismo histórico “como uma teoria das formações sociais e das suas transformações, compreendida aí a teoria da ideologia” (FUCHS; PÊCHEUX, 1975, p. 153), enquanto Louis Althusser<sup>36</sup> em sua obra *Aparelhos Ideológicos de Estado* vai tratar apenas sobre a reprodução das formações sociais por meio da ideologia, Michel Pêcheux acrescenta a necessidade de uma teoria que nesse processo de reprodução tenha por objetivo às transformações da sociedade, neste caso, Michel Pêcheux se refere à sociedade capitalista.

Sendo assim, tal autor “propunha uma teoria do discurso em que se concebesse o discursivo como uma materialidade ideológica” (AMARAL; ZOPPI-FONTANNA, 2015, p. 42) e que estivesse disposta a uma *mudança de terreno*, aproximando assim o materialismo histórico dos estudos do/sobre o discurso, já que seu projeto se inscreve numa relação para além do academicismo, mas como instrumento de intervenção político-social como endossamos inicialmente. Michel Pêcheux (2011) procura:

[...] se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo [...] e compreender que o tipo de concreto com que lidamos e em relação ao qual é preciso pensar, é precisamente o que o materialismo histórico designa pela expressão relações sociais, que resulta de relações de classe características de uma formação social dada. (PÊCHEUX, 2011, p. 127)

Michel Pêcheux passa então a trazer a noção de história para os estudos do discurso, isto é, a constatação de que as relações materiais produzidas pelos sujeitos na realidade objetiva. Diante disso entendemos que a história “[...] não se limita ao modo de produção capitalista, mas a história das diversas formações sociais, marcada pela luta de classes” (AMARAL; ZOPPI-FONTANNA, 2015, p. 44). Sobre isso, Karl Marx e

---

<sup>36</sup> É importante lembrar que para Louis Althusser (1979, p. 34) o materialismo se refere “a todos os modos de produção aos quais [o materialismo] fornece uma teoria geral”.

Frederich Engels (1998) afirmam:

A história de toda a sociedade até hoje é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, burguês da corporação e oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram e constante antagonismo entre si, travaram uma luta ininterrupta, umas vezes oculta, outras aberta, uma luta que acabou sempre com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com o declínio comum das classes em luta. (MARX; ENGELS, 1998, p. 4)

Além disso, ele também articula na teoria do discurso a tese althusseriana acerca da ideologia em que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1988, p. 148). Com isso, os discursos produzidos pelos sujeitos passam a ser ideológicos, ou seja, os sentidos produzidos pelas palavras se inscrevem a partir das classes sociais em que estes sujeitos ocupam. Para Michel Pêcheux (1988), a relação ideologia- discurso - língua é indissociável, portanto, a língua torna-se o lugar da materialização da ideologia, conseqüentemente esta ideologia está associada ao lugar social do sujeito e “o caráter material do sentido (mascarado por sua evidência transparente para o sujeito) consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos ‘o todo complexo das formações ideológicas’” (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Michel Pêcheux foi, em grande parte de seu investimento teórico, um grande questionador do papel das ciências (em seu estágio atual, e também em seu caráter fundador) no desenvolvimento da luta de classes, pensada tal como Marx propõe. Outrossim, vale mencionar que o materialismo histórico, enquanto a tradição que se estabelece a partir da teorização de Karl Marx, é basilar para o pensamento de Michel Pêcheux. Dentre os principais efeitos da adesão à tal filosofia, é possível ressaltar, dentre outros, o modo como o autor percebe a influência da economia enquanto determinante das relações entre os homens – sujeitos – e, também, a maneira como se concebe a história.

A respeito das supracitadas determinações econômicas, temos um caso exemplar na preocupação de Michel Pêcheux sobre o funcionamento da ciência – e, por consequência, das instituições que a (por) ela (se) constituem – no que tange ao atravessamento que se coloca quando classes antagonicamente posicionadas no corpo social entram em disputa pelos rumos aos quais a produção científica se lançará.

Em reflexão publicada na revista parisiense *La Pensée*, em 1976, a autor retoma a problemática da maneira como, nesse momento, as ciências humanas e sociais se encontram na universidade, tendo como pano

de fundo as condições de produção do saber científico da época. A saber: uma série de relações e direcionamentos de políticas educacionais que acarretavam efeitos na produção do saber à medida que possibilitavam, por meio de tais políticas e relações, subsumir o objeto das ciências humanas e sociais ao produtivismo e ao utilitarismo propostos por uma certa política neoliberal<sup>37</sup> da época.

A intromissão do poder da classe dominante adentrara a universidade para lhe propor (leia-se impor) determinadas “missões” às ciências humanas e sociais (CHS), isto é, pela lógica do poder econômico vigente, essas ciências deveriam ter missões claras, práticas e objetivas de modo a torná-las úteis. A inquietação de Michel Pêcheux se traduz na seguinte pergunta: úteis para quem?

De acordo com o autor

Para chegar a impor essas “missões” às CHS, o poder está pronto a tudo, incluindo manipular a massa dos universitários e dos pesquisadores através do espectro da “crise”, da “austeridade” e do “crescimento-zero”; ele *organiza* a escassez para suscitar a inquietude e docilidade das pessoas e desenvolver a concorrência entre as formações de modo que sobrevivam e desenvolvam-se mais aptas a... servir o capitalismo na fase atual. (PÊCHEUX, 2011, p. 236)

Convocando, desse modo, para a situação, velhas conhecidas (a crise e a austeridade) dos momentos de mudança nos rumos econômicos ao longo da história recente da sociedade capitalista, tais missões, impostas às ciências humanas e sociais, embora revestidas da ideia de liberdade de investigação, minavam, a partir de seus objetivos, o fazer da ciência, moldando-o às necessidades da burguesia monopolista que ali se apresentava. Esses moldes se davam, notadamente, em consonância com os objetivos de criação de dispositivos antidemocráticos caros a essa burguesia (PÊCHEUX, 2011, p. 237).

É importante mencionar que essa intervenção na base da produção científica advém da relação de proximidade entre um conjunto de políticas aplicadas na França e o modo com os quais se produzia ciência nos Estados Unidos, naquela época. Vale ressaltar o caráter ideológico permeado pelo individualismo da livre-iniciativa que, amplamente difundido nos Estados Unidos, chega à Europa no âmbito do Plano Marshall (PÊ-

---

<sup>37</sup> Referimo-nos ao chamado liberalismo giscardiano, isto é, ao conjunto de políticas e diretrizes econômicas adotadas por Valéry Giscard d'Estaing, que governou a França de 1974 a 1981.

CHEUX, 2011, p. 232).

Contrapondo, portanto, duas forças políticas antagonicamente posicionadas quanto a seus interesses (os trabalhadores das ciências humanas e sociais, pensando a pesquisa universitária alinhada aos interesses humanísticos derivados de uma posição centrada no proletário *versus* a burguesia monopolista, pensando a pesquisa universitária útil aos interesses do capital), o autor demonstra seu comprometimento com o marxismo-leninismo e seus fundamentos na condução de uma reflexão mobilizada teoricamente sem, no entanto, afugentar-se de seu caráter necessariamente político.

Defendendo um alinhamento do fazer universitário em ciências humanas e sociais aos ideais de defesa de pesquisa sem distingui-la da defesa pessoal, o autor conclui que

[...] esta abertura [dos trabalhadores das CHS sobre o mundo exterior da classe operária] é na realidade a única garantia de uma planificação democrática da pesquisa, na qual as orientações serão efetivamente discutidas nas massas, e não elaboradas secretamente por alguns tecnocratas literalmente vendidos aos monopólios capitalistas. (PÊCHEUX, 2011, p. 248)

Diante de tais considerações, o exemplo anteriormente mencionado nos permite perceber a centralidade do materialismo histórico nas preocupações de Michel Pêcheux e, mais do que isso, os efeitos dos pressupostos materialistas na condução dos procedimentos teórico-analíticos de suas teorizações. É por essa filiação teórica que se torna possível, para Michel Pêcheux (e para a tradição que a partir dele se inaugura) mobilizar o conhecimento teórico sem negar o político, já que, ao admitir a luta de classes como motor da história, o materialismo histórico admite, também, a existência de tensões entre ideologias antagonicas e, em virtude disso, a necessidade de tomada (política) de posição.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Maria Virgínia Borges; ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. Análise de discurso e o materialismo histórico. In: INDURSKY, Freda., FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange. (Orgs.). *Análise do discurso: dos fundamentos aos desdobramentos* (30 anos de Michel Pêcheux). Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 35-54

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lis-

boa: Presença/Martins Fontes, 1979.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. A análise do discurso e sua interface com o materialismo histórico. In: ZANDWAIS, Ana. (Org.). *História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2012. p. 289-308

MARX, Karl; ENGELS, Frederick. *A ideologia alemã*. Trad. de Luiz Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2003 [1951-1952].

MAGALHÃES, Belmira; CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar; FLORENCIO, Ana Gama; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Maceió: Edufal, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Posição sindical e tomada de partido nas ciências humanas e sociais. In: \_\_\_\_\_. *Análise de discurso: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. Campinas: Pontes, 2011. p. 231-50

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas: UNICAMP, 1988.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. Campinas: Pontes, 2011.

\_\_\_\_\_; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.